

A SOMBRA DA JUSTIÇA

Peça teatral de autoria de Expedycto Lyma

Uma peça tipo policial em seis atos, seis personagens, um ponta especial, um pontinha e cinco pessoas para fazer número na fera no 5º ato

PERSONAGENS

VISÍVEIS

O Investigador Walter

O Comissário Duncas

Ditinho, o assassino

Suzy, a repórter

Seu Reinado, o proprietário da loja

Celina, a secretária

Ponta Especial – Uma Mulher Freguesa (5º Ato)

Pontinha – O Guarda (5º e 6º Ato)

Ponta Especial – O menino Joãozinho (1º Ato)

INVISÍVEIS

O Ponto

Contrarregna

MAQUILAGEM DE DITINHO

1º ato – um moço simples todo sujo.

3º ato – Um moço de costeletas e bigodes, tipo almofadinha.

5º ato – mesma coisa do anterior.

6º ato – volta ao que era no 1º ato.

TRABALHAM NOS SEGUINTE ATOS

1º Ato – Seu Reinaldo, Ditinho, O menino

2º Ato – Comissário, Inspetor, Celina, Suzy

3º Ato – Suzy, Comissário, Ditinho

4º Ato – Suzy, Inspetor

5º Ato – Ditinho, Inspetor, A Mulher, O Guarda

6º Ato – Comissário, Ditinho, Inspetor, Suzy, O guarda na cena.

NA CENARIZAÇÃO

1º Ato – Interior de uma casa.

2º Ato – Interior de um posto policial com os respectivos móveis.

3º Ato – O interior da casa de Suzy, com mesa, cadeira, telefone e uma fotografia dentro de uma gaveta, fácil.

4º Ato – Mesmo cenário do 3º Ato.

5º Ato – Cenário de uma feina.

6º Ato – A prisão, e Ditinho preso.

1º ATO**DITINHO DE AVENTAL FAZENDO LIMPEZA**

Seu Reinaldo — Ditinho... Eu quero essas coisas tudo em ordem.

Depois que você fizer isso, regue os canteiros do jardim.

Ditinho — Está bem patrão

Seu Reinaldo — Faça tudo isso bem depressa.

Ditinho — Hu...Está bem...está bem.

Seu Reinaldo — Que foi Ditinho? Parece estar nervozinho. Se achar que não está bom, é fácil. Há jeito para tudo.

Ditinho — Eu não posso perder meu tempo.

Seu Reinaldo — Oras, então aguente as consequências. he! he! he!

E FAZ AR DE GOZO.

Ditinho — O senhor sempre leva vantagem. Pois é o patrão, e eu, o empregado.

Seu Reinaldo — Ainda bem que você reconhece o que é, e sabe quem sou.

Ditinho — Com tanto que o senhor não se esqueça de que fui o único empregado de confiança da sua loja.

Seu Reinaldo — Cale-se e apresse com isso.

Ditinho — Está bem, seu Reinaldo.

Seu Reinaldo — Pensou em ter um futuro aqui não é? Pensou em ser o gerente aqui. Se quiseres futuro, terás de limpar muitas vezes o chão em que pisamos. E isso é até eu ter novas idéias para outros serviços he! he! he!

E SEU REINALDO SAI DE CENA

Ditinho — Miserável...é hoje, ou nunca. Quatorze anos de serviço. Se não fosse eu... jamais você teria o que tem, seu Reinaldo, jamais. Como de fato, se reconheceste meu prestígio, não me trataria assim depois de tantos anos. Abra o olho comigo, seu Reinaldo...Abra o olho comigo...

UNS SEGUNDOS E SEU REINALDO ENTRA EM CENA

Seu Reinaldo — Sabe, Ditinho? Tive uma ideia.

Ditinho — Hu!...hu!...

Seu Reinaldo — Um novo serviço para você.

Ditinho — Não diga, patrão!

Seu Reinaldo — Sim...você vai lavar o banheiro todos os dias de manhã

DITINHO FICA DE CABEÇA BAIXA.

Ditinho — O que?

Seu Reinaldo — Não é preciso repetir.

Ditinho — Ah, não...Isso é demais...

Seu Reinaldo — Já lhe disse que há jeito pra todas as coisas. Se não estiver bom...

Ditinho — Está bem...eu...eu irei.

Seu Reinaldo — Há! há! há! Vá agora.

Ditinho — Agora?

Seu Reinaldo — Sim. Pensou que eu estava brincando?

Ditinho — Há, não. Vou já.

E DITINHO SAI DE CENA

Seu Reinaldo [A SÓS] — Há! há! há! Ele não aguentará muito tempo assim. Isso é o começo. Um dia ele acabará pedindo a conta. Pensando bem, eu não devia proceder dessa maneira para com ele. Na verdade foi ele quem me ajudou a adquirir tudo isto, mas que importa agora. Não preciso mais dele. Eu podia pagar o seu tempo, mas...

Não é preciso, pois tenho a certeza de que pedirá a conta, quando mandar arrumar a cozinha para minha mulher.

DITINHO ENTRA EM CENA

Ditinho — O banheiro já estava limpo.

Seu Reinaldo — Muito bem, lembre-se de que amanhã isso é sua obrigação quando vier ao serviço.

Ditinho — Mas...seu Reinaldo? E Luíza?

Seu Reinaldo — Eu dispensei a Luiza. Pois não preciso mais dela. Agora você está no lugar dela.

Ditinho — O senhor quer dizer que eu vou bancar a empregada doméstica agora?

Seu Reinaldo — Sim, Ditinho. Afinal de contas eu estou-lhe mantendo empregado, não é?

Ditinho — S...sim, mas...

Seu Reinaldo — Mas o que? Um empregado tem que obedecer ao seu patrão.

Ditinho — Mas meu serviço não é esse, seu Reinaldo. Isso é serviço para mulher.

Seu Reinaldo — Nesse tom de voz, quero advertir-lhe que o patrão sou eu.

Ditinho — Está bem, seu Reinaldo. O patrão é o senhor, mas quero avisar-lhe de que não sou nenhum idiota.

Seu Reinaldo — Amanhã cedo você vai fazer isso, e se não fizer, acabará perdendo tudo. hé! hé! hé!

SEU REINALDO SAI DE CENA

Ditinho — Eu bancar mulher. Imagine que vergonha para mim. Não...não... Isso eu não faço...jamais...Mas pensando bem se eu não fizer não terei direito algum. Tenho quatorze anos de serviço, e se abandonar, perderei tudo. Se pelo menos seu Reinaldo me pagasse a metade do tempo. Há...não adianta...Ele só paga a mensalidade, e chorando ainda. [UNS PASSOS POR TRÁS DO CENÁRIO] Aí vem ele. Tenho direito de pedir um acordo, veremos.

SEU REINALDO ENTRA EM CENA FUMANDO

Seu Reinaldo — E então, Ditinho? Está contente com o novo trabalho que dei?

Ditinho — Seu Reinaldo...Eu queria conversar seriamente com o senhor.

Seu Reinaldo — Se for assunto que me interesse, pode falar.

Ditinho — É o seguinte. Eu tenho quatorze anos de firma. Durante 12 anos o senhor me considerou o melhor empregado de sua loja, mas agora que o senhor já está feito às minhas custas, quer me ver pelas costas sem pagar meu tempo. O senhor pensa que eu não sei. Não é preciso pagar esses quatorze anos de serviço. Podemos entrar num acordo.

Seu Reinaldo — Pois bem, qual é o seu acordo?

Ditinho — Eu faria na metade do tempo, seu Reinaldo.

Seu Reinaldo — Hé! hé! hé! É muito dinheiro, meu amigo. Não gostei do seu acordo.

Ditinho — Espere...qual é sua proposta?

seu Reinaldo — A minha proposta é o seguinte: pagarei o tempo de um ano.

Ditinho — Mas como?

Seu Reinaldo — Se não quiser, terá de aguentar as consequências.

SOBE O SANGUE DO DITINHO ESTE APANHA UMA FACA E...

Ditinho — Miserável! Está certo de que é poderoso?

Seu Reinaldo [APAVORADO] — Você está louco, Ditinho

Ditinho — Veja como treme agora. Você é um covarde seu Reinaldo. Começaste com aquela porcaria de bazar, e se não fosse meu auxílio, não estaria aí sentado no dinheiro. Depois de 14 anos, não reconheceu meu prestígio, mandando-me fazer outro serviço para dar motivo, e deu resultado.

E DITINHO SE APROXIMA

Seu Reinaldo — Não!...Afaste-se...

Ditinho — Podia ser bem mais fácil, mas você preferiu assim. Não viverás para contar que me venceu miserável.

SEU REINALDO FAZ COMO QUEM QUER SE LIVRAR, MAS DITINHO O APUNHALA PELAS COSTAS.

Seu Reinaldo — Ahi...

MUDA A FISIONOMIA

Ditinho — Sou um assassino. Tenho que fugir, mas não posso deixar o corpo aqui. Vou enterrá-lo ali no jardim. Jamais alguém suspeitará.

E DITINHO APANHA O CORPO E ARRASTA NO MATAGAL SAINDO DE CENA. NISSO UM MENINO ENTRA EM CENA E OLHA NO CHÃO E...

O Menino — Ué...O que será que papai estava pintando com tinta vermelha?

E NISSO DITINHO ENTRA EM CENA.

Ditinho — Olá, Joãozinho...Alguma novidade?

O Menino — Sim...sim Ditinho. Veja estas manchas de tinta. O que vocês estavam pintando.

Ditinho — Íamos pintar o forro, mas seu pai não gostou da cor da tinta e foi trocar por outra. Dê-me um pano, vou limpar isso antes que seque.

O MENINO APANHA UM PANO E DÁ AO DITINHO QUE O APANHA E LIMPA DEPRESSA.

O Menino — Chau, Ditinho.

Ditinho — Chau, Joãozinho. [O MENINO SAI DE CENA] Preciso agir depressa senão Joãozinho complicará a situação. Agora o cofre. Há! há! há. E depois chan chan, bambina.

PANO RÁPIDO

FIM DO 1º ATO

2º ATO

PRÓLOGO

8 MESES DEPOIS É O QUE MOSTRA O 2º ATO DA PEÇA.

Comissário — E então, inspetor, encontrou alguma pista do caso?

Inspetor — Sim, Comissário, uma pequena pista. Joãozinho, o filho do Seu Reinaldo.

Comissário — Mas...o que tem ele a ver com o caso?

Inspetor — É fácil de se explicar. O menino afirma de que viu manchas de tinta no chão e que Ditinho o empregado, limpou bem depressa. Não é estranho?

Comissário — Não me parece muito.

Inspetor — Pois eu acho que sim. Já foi investigado na loja de ferragens, onde seu Reinaldo tinha conta.

Comissário — E daí?

Inspetor — E não foi encontrada nem uma nota que confirmasse a venda de latas de tinta.

Comissário — Mas ele podia ter comprado em outra loja.

Inspetor — E você também não acha estranho que Ditinho sumiu logo que seu Reinaldo desapareceu, Comissário?

Comissário — É mesmo. Na verdade, não é muito estranho o caso, e o dinheiro que sumiu do cofre?

Inspetor — Ditinho era jogador de canto em canto, mas era o único dos empregados que conhecia o segredo do cofre.

Comissário — Mas acho engraçada uma coisa neste caso. Eu não consigo suspeitar de Ditinho, sendo que ele era um empregado velho. Ele não ia arriscar tanto para fazer isso.

Inspetor — E aí que o senhor está enganado, Comissário. Talvez planejasse isso há tempo. Um vizinho de seu Reinaldo afirma de que ultimamente ambos não se combinavam.

Comissário — Mas...Ditinho não chegaria a tanto.

Inspetor — Enganou-se outra vez. Ditinho tinha razões necessárias para planejar o crime.

Comissário — Como assim inspetor?

Inspetor — É o seguinte Comissário. Ditinho trabalhou 14 anos para o seu Reinaldo. Exerceu até a função de caixa, por ser considerado o único empre-

gado de confiança.

Ultimamente os vizinhos afirmam de que viram o ex-empregado fazer até serviço caseiro.

Comissário — E como sabemos que seu Reinaldo está morto? Sabemos apenas que os dois homens desapareceram e o dinheiro do cofre.

Inspetor — Bem...Na verdade, não temos provas para acusar o tal de Ditinho.

Comissário — Se nós conseguíssemos prendê-lo, ele contaria o caso direitinho.

Inspetor — É...mais o dinheiro que levou é suficiente para ir muito longe.

Comissário — Não vai ser muito fácil, inspetor.

Inspetor — Pelo que parece vai ser um pouco difícil. Mas o que a polícia não descobre?

Comissário — Por onde vai começar Inspetor?

Inspetor — Ainda não sei. Minha suspeita é de que ele assassinou seu Reinaldo, mas... onde foi é que tenho as minhas dúvidas.

Comissário — Acho que ele deve estar muito longe.

Inspetor — Sim. Pela quantidade de dinheiro, é fácil, e ainda mais que ele não tem parente para pensar, aqui.

Comissário — É...não sei não, Inspetor. Parece-me cada vez mais difícil, o caso.

Inspetor — Bem...Muito fácil não está mesmo, mas precisamos descobrir.

Comissário — Tenho uma ideia, inspetor.

Inspetor — Estou ouvindo.

Comissário — Jovens tem sempre fãs apaixonados. Talvez encontrássemos alguma carta nas coisas dele.

Inspetor — Parece-me uma boa ideia. Se der certo encontraremos uma pista.

Comissário — Vamos lá então. [GRITA] Celina...Celina.

CELINA ENTRA EM CENA

Celina — Pronto, Comissário.

Comissário — Fique um pouco no meu lugar. Tenho que sair com o Inspetor.

Celina — Fique tranquilo, Comissário.

APANHAM O CHAPÉU. O COMISSÁRIO COM O INSPETOR SAEM DE CENA

Celina [A SÓS] — É papelada e mais papelada. Estou farta disso já.

Deixa-me ver que horas são. [A MOÇA EXAMINA O PULSO E ASSOVIA]... Pôxa, se o Inspetor demorar terei de queimar o encontro com meu noivo. Era só isso

que faltava. Conversaram tanto e deixaram para sair agora...

E FAZ UMA GESTO DE FARTA.

TOCA A CAMPAINHA.

Celina — Pode entrar.

SUZY ENTRA EM CENA

Suzy — Olá Celina...Como vão as coisas?

Celina — Olá Suzy...aqui vão de vento em popa, e para você.

Suzy — Para mim não está muito bom.

Celina — Por que? Brigou com o namorado.

Suzy — Não é isso, você já sabia que eu vou ser removida para outro estado?

Celina — Não diga, Suzy!

Suzy — É verdade, Celina.

Celina — Que sorte ingrata a sua, não?

Suzy — É assim mesmo, Celina, quando vai-se acostumando num lugar, vem a remoção. Eu já estou até acostumada a viver assim.

Celina — É uma pena, não poderemos nos ver mais.

Suzy — Eu te escreverei, Celina.

Celina — E Geraldo, o seu namorado?

Suzy — A já desisti... É inútil tentar. Eu nunca senti nada por ele mesmo.

Celina — Bem...quando a gente não ama é diferente. Talvez você se case por lá.

Suzy — É muito difícil acontecer isso comigo, Celina. Não sei se é por causa de eu ser assim, mas nunca consigo amar ninguém.

Celina — É porque nunca apareceu, o seu príncipe encantado, Suzy.

Suzy — Espero que seja isso. Onde foram os agentes, Celina?

Celina — Não sei, o Comissário saiu com o Inspetor e ...

Suzy — Saíram a serviço?

Celina — Sim...eles estão investigando ainda o caso dos homens desaparecidos.

Suzy — Dos homens desaparecidos?

Celina — É sim...Você não leu aquela reportagem dos dois homens que desapareceram?

Suzy — Ah sim...agora me recordo. É o tal de seu Reinaldo com o seu empregado?

Celina — isso mesmo, Suzy.

Suzy — Nossa, mas isso já faz tempinho.

Celina — Mas você sabe como é a polícia. Enquanto não descobrirem não sossegam.

Suzy — E como desapareceram?

Celina — Sei lá. O investigador suspeitou que esse tal de Ditinho assassinou o seu patrão, e escondeu o corpo muito bem.

Suzy — E em seguida deu na sola?

Celina — É o que eles afirmam, eu só sei dizer que já estou cheia de lidar com essas papeladas.

Suzy — Ai, nem fale Celina, eu também fico inteirada disso certa hora.

O INSPETOR E O COMISSÁRIO ENTRAM EM CENA. TIRANDO O CHAPÉU, O COMISSÁRIO DIZ:

Comissário — E agora...qual é o seu plano?

Inspetor — Não tenho nenhum agora no momento. No fim terei de agir de outra maneira.

Comissário — Mais sem pista, Inspetor?

O INSPETOR TIRA UMA TRAGADA E...

Inspetor — Havemos de encontrar uma.

Comissário — Mas já escrafuchemo tudo e só encontramos aquela carta de apresentação, toda amarrotada. Aquilo não vai servir para nada.

Comissário — Vai ser difícil decifrar aquilo.

Inspetor — E de que adiantará decifrar?

Comissário — Precisamos ver de onde veio.

Inspetor — Chi, Inspetor. Aquilo é muito antigo. Quase nem as letras não aparecem mais.

Inspetor — Não...não é muito velha aquela. Ela está daquela forma por que caiu em algum tanque d'água.

Celina — Com licença, Comissário. Tem mais alguma coisa a fazer?

Comissário — Não, Celina. Eu já ia me esquecendo de você. Pode ir.

Celina — Então até amanhã, até amanhã, Inspetor.

Inspetor — Até amanhã, Celina. E você, Suzy, está contente com a remoção?

Suzy — Para mim está bom em qualquer lugar.

Inspetor — Se você fosse casada estaria fixada num lugar só. Mas...você prefere

assim. COM RISOS.

Suzy — Há! há! há! Você é brincalhão, Inspetor? Até logo.

COM RISOS

Inspetor — Até logo, Suzy, desculpe da brincadeira.

Suzy — Não há o que desculpar.

E SUZY COM CELINA SAEM DE CENA.

Inspetor — E então...vamos ao assunto.

Comissário — Eu...eu já estou até sem assunto. Já não tenho muita esperança mais.

Inspetor — Há...porque falá assim Comissário?

Comissário — Porque! Pois o que esperamos de uma carta toda amarrotada?

Inspetor — O senhor está começando a ficar nervoso, Comissário. Vamos dar outra examinada na carta, talvez encontremos uma solução.

O COMISSÁRIO TIRA DO BOLSO A CARTA

Comissário — Tome-a.

E DÁ AO INSPETOR QUE EXAMINA COM UMA LENTE.

Inspetor — Engraçado, a carta parece ser de outra pessoa!

Comissário — De outra pessoa? Mas...como assim?

Inspetor — Não sei. É o que vamos averiguar. Pelo o que estava escrito deve ser de Santa Catarina, a carta. Vejamos se ainda aparece a data.

Comissário — Ainda continua a pensar... do que vai adiantar isso, sendo que nem do rapaz, não é?

Inspetor — É inútil...a data não aparece mesmo. Mas mesmo assim, terei que começar o meu trabalho por estas pequenas linhas

Comissário — Vai se aventurar, Inspetor?

Inspetor — Talvez...Amanhã procuraremos decifrar mais algumas frases deste ofício.

Comissário — Eu não vou perder tempo com isso.

Inspetor — Não, não se preocupe. Takarada, o agente japonês é perito nisso.

Comissário — Tem certeza de que não vai ser uma viagem perdida, Inspetor?

Inspetor — Seja certa ou errada, temos que agarrar o assassino.

Comissário — E se não for o assassino?

Inspetor — Bem...um dia vamos saber a verdade. Por hoje só me resta descansar.

Comissário — É mesmo, eu também já pensei, e andei muito hoje.

Inspetor — Depois de ser decifrado mais algumas frases deste ofício, seguirei para Santa Catarina.

Comissário — E eu desejo-lhe boa sorte e que traga o criminoso.

PANO RÁPIDO

FIM DO 2 ATO.

3º ATO**PRÓLOGO**

Narração - O Inspetor viajou para St^a Catarina a fim de trazer o assassino. Suzy, a repórter, que não é efetiva, está morando numa cidade em outro estado. Vejamos o 3º ato da peça que nos mostra 2 anos depois.

SUZY EM CENA

Suzy — Oxente...custou-me tirar essas férias. Também ficarei 28 dias sem fazer escritas, e talvez não faça mais. [NISSO TOCA O TELEFONE] A estas horas só deve ser Marcos. [SUZY ATENDE O TELEFONE] Alô...Ah é você, Marcos. Eu adivinhei mesmo. O que...Você vem aqui hoje? Escute...sabe que eu peguei férias, querido? Amanhã ainda não...É...melhor assim. Você vem aqui mesmo...dai conversaremos. Que tal...sim...sim...está bem chazinho. [SUZY DESLIGA O TELEFONE] Eu tinha certeza que Marcos viria aqui. Ele não quer casar comigo, mas não pretende me abandonar também. [UM BATER NA PORTA. É O COMISSÁRIO] Acho que sei quem deve ser. Entre, está só encostada.

O COMISSÁRIO ENTRA EM CENA FUMANDO.

Comissário — Alô Suzy.

O COMISSÁRIO PEGA NA MÃO

Suzy — Há!...seu Duncas. Mas que surpresa [SUZY COMPRIMENTA-O] Como vai?

Comissário — Eu estou de férias e vim visitá-la. Quase pensei que não a encontrava.

Suzy — Mas que coincidência. Eu também entrei de férias esta semana.

Comissário — Eu já faz 15 dias.

Suzy — Sente-se, Comissário.

O COMISSÁRIO SENTA

Comissário — Me diga uma coisa. Você não se casou ainda?

Suzy — Há não. Ainda não resolvi.

Comissário — O Inspetor Valter mandou muitas lembranças, se eu a encontrasse.

Suzy — Muito obrigada.

Comissário — Quando você pretende nos visitar?

Suzy — Nestas férias vai ser um pouco apurada, talvez quando gozar outra.

Comissário — Vamos ver mesmo. Já faz 1 ano e meio que você saiu de lá.

Suzy — Porque não trouxe o Inspetor Valter?

Comissário — Valter já faz ano e meio que está ausente do nosso posto.

Suzy — Um ano e meio? Quer dizer que ele está viajando?

Comissário — Exatamente, Suzy. O caso dos dois homens desaparecidos, ainda está de pé.

Suzy — A polícia não dorme mesmo. Pensei que esse negócio já tinha dado em nada.

Comissário — Ainda não descobrimos que fim levou o Sr. Reinaldo, e o misterioso Ditinho. Seu Reinaldo está morto, isso temos a certeza. Mas o corpo dele não foi encontrado.

Suzy — O assassino usou a cabeça.

Comissário — Ele não terá descanso. A polícia ainda investigando o caso dele. O Inspetor telefonou-me dizendo que está mais fácil a busca.

Suzy — E pra que rumo tomou o Inspetor?

Comissário — Disse que ia a Santa Catarina.

Suzy — E era uma pista certa?

Comissário — Uma aventura talvez. Por que?

Suzy — À toa mesmo, curiosidade de repórter.

Comissário — Ah Suzy...Nas férias precisa descansar, não fazer reportagens de coisas que aconteceram há quase 3 anos.

Suzy — O senhor tem razão, Comissário. Eu não perco o hábito de ser reporter.

Comissário — Há! há! há! A gente vicia com certas coisas. Bem...preciso ir.

O COMISSÁRIO LEVANTA.

Suzy — Há, não. Espere...vou preparar um café bem quente.

Comissário — Não Suzy, estou com pressa. Um outro dia venho com mais tempo.

Suzy — Mas não custa, Comissário.

Comissário — Eu sei, mas preciso ir. Até breve Suzi, e não vá esquecer de nos visitar um dia.

Suzy — Está bem, eu farei um esforço.

Comissário — Talvez nas outras férias o Inspetor esteja lá para fazermos uma festinha.

Suzy — Mas podia esperar o café Comissário, num minuto eu preparava.

Comissário — Não insista Suzy, não falta ocasião. Você sabe que eu sempre viajo. Até breve.

O COMISSÁRIO PEGA NA MÃO DESPEDINDO-SE. SUZY CORREPONDE

Suzy — Até breve, Comissário.

E O COMISSÁRIO SAI DE CENA.

Suzy — O Comissário Duncas é de pouca conversa mesmo. Espere...deixa me ver que horas são. Eu desconfio que está quase na hora de Marcos vim me buscar. [E FAZ COMO QUEM VÊ AS HORAS] Exatamente, já está passando. Com certeza teve muito serviço hoje.

APANHA UMA REVISTA E LÊ POR UNS MOMENTOS. E LOGO DEPOIS ENTRA EM CENA DITINHO COM O NOME DE MARCOS BEM ARRUMADO COM BIGODE E COSTELETA.

Ditinho — E então, Suzy? Tudo bem meu amor?

Suzy — Sim, querido. Tudo às mil maravilhas.

DITINHO OLHA NO CHÃO E...

Ditinho — Mas...que é isso, uma ponta de cigarro? Quem esteve aqui?

Suzy — Ó, sim...hoje veio aqui um conhecido que tive no posto onde trabalhei.

Ditinho [ASSUSTADO] Um conhecido seu?

Suzi — Sim...Se você viesse um pouquinho antes encontraria ainda.

Ditinho — Quer dizer que saiu agora?

Suzy — Sim...não precisa se preocupar, que o hóspede que estava aqui é um colega de serviço.

Ditinho — E quem é esse tipo?

Suzy — O Comissário Duncas.

Ditinho — O Comissário Duncas?! [PENSATIVO] — Então o Comissário esteve aqui...Isso não é bom sinal.

Suzy — Que?...Não é bom sinal, por que?

Ditinho — Nada Suzy.

Suzy — Mas porque ficou pensando tanto?

Ditinho — Suzy...você vai ter de me explicar muita coisa, ou eu enlouqueço

Suzy [ASSUSTADA] — Mas...mas o que aconteceu Marcos?

Ditinho — Não se finja de inocente.

Suzy — Inocente?...de que?

Ditinho — O que o Comissário de polícia conversou com você, vamos.

Suzy — A respeito de serviço, por que?

Ditinho — Não foi só isso, imbecil.

Suzy — Juro-lhe! O que o Comissário conversou, não é interessante para nós.

Ditinho — Talvez tenha interesse de minha parte só. Agente de polícia sempre tem o que conversar.

Suzy — Olhe querido, eu não tenho nenhum interesse em te enganar, mas se você se interessa muito no assunto é o seguinte:....

Ditinho — Vamos! Conte-me logo.

Suzy — Pois bem, conversamos sobre serviço, férias e crimes.

Ditinho — Continue, boneca.

Suzy — Não tenho o que continuar.

Ditinho — Sobre o crime.

Suzy — Ah sim...É sobre o caso dos dois homens desaparecidos.

Ditinho — Quem são os dois homens?

Suzy — Mas você não conhece, Marcos. Que vai adiantar essa história?

Ditinho — Bem...Casos de crimes sempre me interessa.

Suzy — Pois bem...Um homem é o tal de seu Reinaldo Valis, o proprietário de uma loja, e o outro é o seu empregado Benedito de Souza, conhecido mais por Ditinho.

DITINHO LEVANTA-SE E...

Ditinho — Como a polícia não se esquece.

Suzy — Que foi, Marcos? Você já ouviu também esse caso?

Ditinho — Sim...sim, já ouvi uma vez.

Suzy — Pois é...a polícia afirma de que esse tal de Ditinho, matou o seu patrão, e escondeu muito bem o corpo que até agora não foi encontrado.

Ditinho — E o assassino fugiu, Suzy?

Suzy — Sim, o assassino fugiu levando todo o dinheiro do cofre e não deixou nem uma pista. É só isso, que tal? Interessou em alguma coisa da história?

Ditinho — Em absoluto, não me interessou nada. Ainda há daquele uísque especial?

Suzy — Sim. Vou buscá-lo.

E SUZY SAI DE CENA INDO BUSCAR A GARRAFA DE UÍSQUE

Ditinho [A SÓS] — Pois é...essa palestra valeu a pena. Agora estou a par que a polícia não me esqueceu. Preciso dar um jeito na situação, e fugir daqui. Ainda bem que não me estabeleci. Amanhã mesmo estarei longe daqui. Sim...Irei para Santa Catarina. Conheço demais aquele lugar. Talvez eu me arrume muito bem lá, e a polícia me esquecerá pra sempre.

SUZY ENTRA EM CENA COM A GARRAFA E O COPO E PÕE SOBRE A MESA.

Suzy — Aqui está o uísque, querido.

Ditinho — Que bom. Então não acabou ainda. [DITINHO PÕE NO COPO E TOMA]

A polícia não dorme mesmo, hein Suzy?

Suzy — É, a polícia sempre tem seus trabalhos árduos. Eu mesma, tem dia que me dá vontade de largar tudo e abandonar a profissão de repórter.

SENTA

Ditinho — Mas isso é uma besteira. O seu emprego é muito bom.

Suzy — É, mas, enquanto eu for solteira, não tenho sossego. Hoje estou aqui, amanhã eles já resolvem me remover, é assim.

Ditinho — Talvez eu me estabeleça aqui e nós casamos um dia, Suzy.

Suzy — Faz um ano e meio que estou aqui e há dois anos que nós nos conhecemos. Você sempre fala a mesma coisa, Marcos. Afinal de contas, o que você tem em mente?

Ditinho — Nada...é que ainda não planejei bem certo o que vou cuidar. Você bem sabe que ainda estou quebrando o galho por enquanto.

Suzy — Não estou falando por mal, querido. É que a gente precisa pensar no futuro. Eu quero ajudá-lo em tudo no que for preciso.

Ditinho — Tenha paciência mais um pouco Suzy.

Suzy — É claro que terei. Amo-o muito, embora você não queira casar comigo.

Ditinho — Não...[DITINHO CHEGA MAIS PERTO] Não diga isso meu bem. Eu quero casar com você. É por isso mesmo que quero que você tenha paciência, amo-a também.

Suzy — Eu faria as despesas necessárias.

Ditinho — Não fale isso, por favor, não quero assim, você bem sabe Suzy.

Suzy — Está bem, não falemos mais no assunto. Esqueçamos isso, Marcos. Não quero vê-lo zangado.

DITINHO ABRAÇA SUZY E...

Ditinho — Minha queridinha. Assim é melhor. Esqueçamos o que houve.

Suzy — O que importa mais, é o nosso amor, não é verdade?

Ditinho — Sim...sim...O nosso amor.

PANO RÁPIDO

FIM DO 3º ATO

4º ATO

ESTE 4º ATO MOSTRA 4 MESES DEPOIS.

Suzy — Creio que jamais verei, Marcos. Foi embora sem me dar satisfação.

É estranho. Não compreendo como foi me abandonar. Talvez precisasse viajar com urgência pra longe. Provavelmente voltará um dia. [BATEM NA PORTA] Queira entrar por favor.

E ENTRA EM CENA O INSPETOR WALTER.

Inspetor — Olá Suzy. Como vai?

E APERTA A MÃO DE SUZY.

Suzy — Olá, Inspetor, eu bem e o senhor? Queira senta-se.

O INSPETOR SENTA

Inspetor — Eu estou de ida para meu posto. Já faz 2 anos que estou fora. O comissário me chamou para investigar mais um caso complicado.

Suzy — E esse caso de 3 anos, já foi resolvido?

Inspetor — Qual deles? Têm tantos.

Suzy — Me refiro àquele dos dois homens desaparecidos.

Inspetor — A o do proprietário da loja que foi a vítima de seu empregado?

Suzy — Sim, esse mesmo.

Inspetor — Ainda não conseguimos localizar o criminoso. Os agentes querem dizer que ele morreu em algum lugar, mas tenho minhas dúvidas. Ditinho estava com plano feito, do contrário não teria a idéia de furtar o dinheiro do cofre.

Suzy — É interessante isso. Dizem que Ditinho não tinha coragem de semelhante coisa.

Inspetor — É um caso dos mais difíceis, esse.

Suzy — E talvez não descubram mais.

Inspetor — O descobrir não é muito fácil, pois o criminoso não deixou pista alguma. Mas um dia sem menos a gente esperar ele será agarrado,

Suzy — Tem tido notícias de Celina?

Inspetor — Já fazem 6 meses que não sei dela. Com certeza casou-se. E você, Suzy? Não quer casar mesmo?

Suzy — Estou noiva de um rapaz simpático.

Inspetor — Mas que felicidade Suzy, E quem vai ser o padrinho?

Suzy — Ainda não está nada certo.

Inspetor — Então não se esqueça. Não arrume outro. É um prazer para o Inspetor Walter ser o seu padrinho de casamento.

Suzy — Há não...eu não me esqueço não. Para mim também seria um imenso prazer.

Inspetor — E o que faz o rapaz?

Suzy — Marcos é mascate ambulante, Por enquanto não tem um lugar efetivo.

Inspetor — Negocia com que?

Suzy — Com miudezas.

Inspetor — Está negociando aqui, Suzy?

Suzy — Ah não...agora está viajando.

Inspetor — Ah, está viajando. Para onde Suzy?

Suzy — Não sei, ele não me conta nada, e eu também não pergunto.

Inspetor — Mas que coisa esquisita. Ele devia contar a onde vai. Apesar que não tenho nada com isso, mas afinal estão noivos.

Suzy — Marcos é um pouco estranho mesmo.

Suzy — Nesta viagem já fazem 3 meses que não tenho notícias suas.

Inspetor — Eu também acho estranho isso Suzy.

NISSO BATEM NA PORTA

Suzy — Um momento [GRITANDO] Vou ver quem está batendo na porta. Com licença Inspetor.

Inspetor — Está bem, Suzy.

SUZY SAI DE CENA. À SÓS, O INSPETOR, PENSA

Inspetor — Eu acho que essa história não está bem contada. Suzy parece que não gosta de conversar muito sobre o noivo. Vou aproveitar sua ausência para ver se encontro uma fotografia de seu noivo. [O INSPETOR PROCURA NAS COISAS DE SUZY E NÃO DEMORA A ENCONTRAR UMA FOTOGRAFIA] Eis aqui uma. Por curiosidade vou dar uma examinada. [E TIRA OUTRA DA BOLSA E VERIFICA] É engraçado, está bem diferente desta, mas a boca e o nariz são os mesmos. [OUVE UNS PASSOS]

Nossa...aí vem a Suzy. Vou levar esta fotografia comigo. Preciso guardar. [E GUARDA NO BOLSO]

SUZY ENTRA EM CENA DIZENDO

Suzy — Desculpe a demora, Inspetor. Era minha vizinha.

Inspetor — Suzy, eu também preciso ir. Já estou um pouco atrasado.

Suzy — Mas é cedo ainda, Inspetor.

Inspetor — Eu...eu preciso tomar o ônibus.

Suzy — Mas então tome um drinque na companhia de Suzy, pelo menos.

Inspetor — Bem...um drinque, eu aceito.

E SUZY SAI DE CENA A FIM DE BUSCAR A GARRAFA.

Inspetor — Eu tenho a certeza que vi esse indivíduo lá em Santa Catarina. Mas onde? Ah, sim...me parece que foi na feira. Eu bem que suspeitei. Preciso averiguar melhor.

Vou fazer um interurbano para o Comissário e voltar para Santa Catarina. Talvez consiga a vitória.

SUZY ENTRA EM CENA COM A GARRAFA E COPO.

Suzy — Eis, Inspetor.

Inspetor — Ótimo...vamos ao drinque.

E TOMAM OS DRINQUES BRINDANDO À SAÚDE.

Inspetor — Agora então, com licença. Um outro dia venho com mais tempo. Até breve, Suzy.

Suzy — Venha mesmo Inspetor. Até breve.

E O INSPETOR SAI DE CENA DESPEDINDO-SE.

Suzy [À SÓS] — Não entendo, não parou nada o Inspetor. Porque havia de sair as pressas? Parece que está tudo mudado aqui. Marcos, já faz 3 meses que está fora. Nenhum telefonema, e nem sequer uma carta dele. Agora o Inspetor faz umas perguntas sobre Marcos, e depois tem pressa para ir embora. Até parece que o Inspetor suspeita de alguma coisa. [TOCA O TELEFONE, E SUZY VAI ATENDER. AO TELEFONE] Pronto. Sim, é a Suzy. Algum problema?...Que?...Eu terei que voltar no posto em que trabalhei?... Está bem...seguirei no primeiro ônibus amanhã cedo...Tá...Tá...obrigada.

Suzy — Não sei do que trata, mas terei que viajar amanhã para Ribeirão Preto. Talvez seja alguma reportagem errada. Eu preciso viajar com urgência. O que estará acontecendo? Quando Marcos chegar não vai me encontrar. Eu podia deixar um aviso, mas como não fui avisada também, ele que me procure. Vou ter que ir, mesmo sem querer. Agora vou saber se minha colega Celina casou e depois quero falar-lhe de Marcos, meu noivo.

PANO RÁPIDO

FIM DO 4º ATO

5º ATO

PRÓLOGO

Narração - Suzy teve um telefonema que causou uma surpresa.

Tem que voltar na cidade onde trabalhou ultimamente.

O Inspetor que estava quase de volta para Ribeirão Preto, resolveu voltar a Santa Catarina a fim de averiguar um caso de que ele tinha quase certeza.

Vejamos agora no 5º ato da peça.

Ditinho — Vamos escolher. É preço de propaganda. Aproveita, aproveita que é barato.

[E FAZ COM QUEM MOSTRA A MERCADORIA] Podem examinar senhores, vejam como é o artigo, examinem com os próprios olhos. O preço é da fábrica, para os senhores. [E NISSO O INSPETOR ENTRA EM CENA] Mais uma para o cidadão. Pronto cavalheiro. Pode examinar.

Inspetor — Sim...sim...com licença.

Ditinho — Pode examinar.

Inspetor — Faz tempo que lida com mercadoria desse gênero, amigo?

Ditinho — Faz muito tempo. Tem muita saída.

Inspetor — Há quanto tempo?

Ditinho — Nem sei mais há quanto tempo.

Inspetor — O senhor trabalha só aqui?

Ditinho — Sim, agora só aqui que trabalho.

Inspetor — O senhor nunca trabalhou em Ribeirão Preto?

Ditinho — Não senhor...nem conheço esse lugar.

Inspetor — Uma vez, vi um mascate igual o senhor lá, é por isso que pergunto.

Ditinho — Então o senhor se enganou. Nunca saí deste estado. Vai levar a mercadoria?

Inspetor — Não...não. Só estava examinando, não encontrei uma cor que me agradasse.

Ditinho — Que pena, não amigo?

Inspetor — Um outro dia dá certo. Até logo amigo.

Ditinho — Até logo. [E O INSPETOR SAI DE CENA]Estou desconfiado que esse indivíduo é da polícia. É melhor dar o fora daqui enquanto é tempo.

E COMEÇA ARRUMAR AS COISAS. ENTRA UMA MULHER.

A Mulher — Espere...eu ainda não escolhi o meu objeto.

E DITINHO NÃO ABRE MAIS A MALA.

Ditinho — Sinto muito, minha senhora, mas já fechei a mala.

A Mulher — Mas é cedo ainda. Tem 2 horas para encerrar a feira.

Ditinho — Tenho um compromisso. Desculpe-me

A Mulher — Mas o senhor sempre fica até passado da hora. quero escolher o meu objeto.

Ditinho — Não me amole, minha senhora.

E QUANDO ESTÁ PARA SAIR O INSPETOR ENTRA EM CENA.

Inspetor — Um momento, amigo.

Ditinho — Agora é tarde, cavalheiro. O senhor teve chance de escolher mais cedo.

Inspetor — Apresente seus documentos.

Ditinho — Mais o que significa isso?

O INSPETOR APRESENTA SUAS CREDENCIAIS

Ditinho — Ah sim...sim. Pode ver meus documentos. Se pensa que roubei as mercadorias, estão redondamente enganados.

O INSPETOR EXAMINA OS DOCUMENTOS E DESCONFIA.

Inspetor — Muito bem. São lindos, os seus documentos, mas o pior é que são todos falsos, e só sendo um perito mesmo para descobrir.

Ditinho — O que o senhor está dizendo?

Inspetor — Porque motivo o senhor falsificou seus documentos, e deixou sua noiva sem respostas quando veio pra cá?

Ditinho — O senhor está inventando coisas. Dê os meus documentos que preciso ir embora. Já estou atrasado.

O INSPETOR GRITA PARA O GUARDA.

Inspetor — Guarda...

O GUARDA ENTRA EM CENA.

Inspetor — Vamos levar este homem ao barbeiro a fim de tirar suas costeletas e bigodes.

Ditinho — Não podem fazer isso comigo.

Inspetor — É melhor não resistir, amigo.

O INSPETOR PÕE AS ALGEMAS.

Inspetor — O senhor vai ter que me acompanhar até Ribeirão Preto, a fim de contar o misterioso crime que praticou há 3 anos.

Ditinho — Miseráveis. Odeio a lei. Odeio a lei.

**PANO RÁPIDO OU APAGAM AS LUZES. ABRE OUTRA
CORTINA COM O CENÁRIO PRONTO.**

FIM DO 5º ATO

6º ATO**PRÓLOGO**

Narração - Ditinho foi levado ao barbeiro.

Tirou as costeletas e bigodes, e logo foi identificado e levado para o local onde estava quando cometeu o crime.

Vejamos o 6º ato da peça, a sua confissão ao Comissário.

DITINHO FICA ENCARCERADO SEM BIGODE E SEM COSTELETAS.

BRAVO, O COMISSÁRIO FALA...

O INSPETOR ANDA DE UM LADO PARA O OUTRO.

Comissário — E então? Ainda tem a coragem de dizer que se chama Marcos?

Ditinho — Não, doutor. Eu me chamo Benedito de Souza. Se eu fiz isso, foi por uma razão.

Comissário — Não o bastante para matar. E que fez do corpo da vítima, que não foi encontrado?

Ditinho — Eu...eu...

DITINHO NÃO QUER FALAR.

Comissário — Vamos, vai confessar tudo.

Ditinho — Eu não posso dizer. Foi horrível. Eu me arrependo do que fiz amargamente.

Comissário — Faça esse homem desembuchar, guarda. Ele ainda não sofreu o bastante. **DITINHO SENTE MEDO E...**

Ditinho — Não...não...por favor...Não me batam mais. Eu...eu...falo como foi.

Comissário — E então?

Ditinho — O seu Reinaldo tinha culpa, doutor.

Comissário — Não me interessa mais o que você nos contou. Queremos saber como escondeu o corpo da vítima ao fazer seu assassinato.

Ditinho — Está bem...está bem...Eu enterrei o cadáver no próprio jardim da casa, a fim da polícia não suspeitar de nada.

Comissário — Usou a cabecinha, hein?

Ditinho — Mas confesso que não fiz por gosto. Foi num momento de cólera. Ele me deixou furioso.

Comissário — E limpou muito bem o sangue. Se não passassem tantos dias,

teríamos descoberto o corpo também, Inspetor.

Inspetor — Ele planejou muito bem, e teria ido mais longe se não tivesse conhecido Suzy.

Ditinho — Como é o negócio, Inspetor?

Inspetor — Suzy explicará alguma coisa [MAIS ALTO] Entre Suzy.

SUZY ENTRA NA CENA

Suzy — Pronto, Inspetor.

O PRESO DITINHO ESTRANHA POR VER SUZY E...

Ditinho — Suzy...O que você faz aqui?

Suzy — Que...quem é o senhor?

Ditinho — Ah, não me reconhece mais porque tirei as costeletas e bigodes, sou eu o falso Marcos. Seu noivo, lembra?

Suzy — Não é possível, Marcos. O que ele faz aqui na prisão?

E OLHA PARA O INSPETOR.

Inspetor — Pergunte ao Comissário.

Comissário — Pois bem, senhorita Suzy. A senhora como repórter policial, vai ter que explicar alguma coisa à polícia, embora não tenha nada com o caso.

Suzy — Que caso, Comissário?

Comissário — Esse seu noivo, que você tem como Marcos, é o assassino de seu Reinaldo. A senhora já sabia com certeza, não é?

Suzy — Marcos? Assassino? Não...não é possível. Marcos não é assassino.

Ditinho — Ela nada tem a ver com o caso, Comissário. Juro-lhe.

Comissário — Cale-se. Ela vai explicar isso ao promotor.

Suzy — Eu nunca soube que Marcos era Ditinho. Acreditem. Sou inocente disso. Se soubesse disso tinha comunicado à polícia.

Comissário — É mentira, Suzy. Ninguém denuncia seu amado.

Suzy — Ajude-me, Inspetor. Eu amava, mas não sabia quem era. Eu o tinha como Marcos.

Inspetor — Isso não vem ao caso. Se você o amava e ainda o ama, é só esperar ele cumprir a pena. Eu serei ainda o padrinho. Apenas cumpri meu dever como detetive.

Suzy — Eu sei, Inspetor. Mas e eu, como me livrarei agora dessa enrascada?

Inspetor — Não vai ser muito fácil, mas vou ver se consigo tirá-la dessa enras-

cada. Você também vai ter que responder processo. Venha comigo, Comissário. Vamos deixá-los a sós.

O COMISSÁRIO E O INSPETOR SAEM DE CENA. A SÓS, OS DOIS:

Ditinho — Suzy, ainda me amas, Suzy?

Suzy — Não sei. Depois de tudo que aconteceu, eu devia odiá-lo.

Ditinho — Eu tinha uma razão, Suzy. Eu não podia casar com você por causa disso, meus documentos eram falsos, eu tinha quase certeza de que a polícia me pegava um dia.

Suzy — E agora Ditinho, quando você sairá daí?

Ditinho — Tenho uma economia guardada ainda, acho que meu crime não é tão grave para eu ficar preso tanto tempo. Ajuste um advogado com esse dinheiro e quando eu me livrar casaremos imediatamente, Suzy. Eu a amo mais ainda.

Suzy — Você nunca disse isso, querido. Eu também o adoro. Eu farei isso logo que respondermos o processo.

Ditinho — Eu prometo que farei a feliz, Suzy. Eu não sou um bandido, acredite meu bem.

Suzy — Sim Ditinho, eu acredito em você, e esperarei esses anos que o advogado vai encurtar. Seremos felizes. Muito felizes.

PANO RÁPIDO

FIM DA PEÇA